

02-01-2024

O QUE EU FAÇO COM O ONTEM?**Aline de Fátima Marques**

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

Sábado. Eram 15 h quando me sentei na varanda da casa onde moro e escrevi mais uma crônica. Neste dia, o calor alcançou 38 graus. Por instantes, o vento, vindo não sei de onde, contra a temperatura, chegou leve e refrescante soprando flores debaixo dos meus cabelos. Senti o prazer da brisa que, quente, soube acender os pensamentos naquela hora. Em cima da mesa me faziam companhia um notebook, um celular, um bloco de papel, uma caneta azul, um copo com água, uma garrafa de café e uma caneca com a figura do personagem de desenho animado Piu-Piu, criado por Bob Clampett, em 1940. Pois bem! Naquele momento pensei o tema da crônica; fiquei em dúvida sobre o que escrever.

Em seguida recebi uma ligação. Falamos, eu e a pessoa que me ligou, sobre Paulo Freire e sobre seu método de alfabetização. Durante a ligação emergiu da conversa imagens do passado, do ontem. Visualizei as imagens das mangueiras onde Paulo Freire foi alfabetizado pela mãe Edeltrudes, no quintal da casa na Estrada do Encanamento, no Bairro Casa Amarela, no Recife. Imaginei o menino Freire brincando debaixo da sombra das mangueiras. Sua mãe lhe ensinou muito mais que a decodificação das letras; ela lhe ensinou a ler o mundo. Nesse enlace de pensamentos e lembranças, me lembrei da imponente mangueira presente na infância. Quem, do Sertão, nunca teve uma experiência debaixo da mangueira quando criança? Alguns minutos se passaram, refleti a conversa entabulada pelo telefone e me perguntei:

- O que eu faço com o ontem?

A primeira resposta que pensei foi escrever uma crônica.

Ao escrever sinto a alma deslizar pelo texto. Dessa vez, a crônica surgiu de um emaranhado de lembranças, em que o ontem se desdobra diante de mim como páginas amareladas de um livro antigo. Entre as linhas do passado, encontrei brincadeiras inocentes e me vi no balanço, entre risos que ecoam como melodias debaixo da mangueira. Eu não fui alfabetizada debaixo da mangueira como foi o caso de Paulo Freire e de tantas crianças de África. Mas vivi 20 anos debaixo dela. No decorrer do tempo, em comunhão com a mangueira, li os primeiros livros, estudei para provas, fiz lições; vi meu único irmão crescer e vi meus pais envelhecerem. Vi minha vida correr entre sorrisos e lágrimas.

A mangueira também me proporcionou o tempo atmosférico adequado para realizar conversas com primas, com a mãe, com o pai e com o irmão. Amizades foram construídas; recebi conselhos de mãe, de pai, de amigas. Recebi broncas também.

Foi então que as histórias da infância dançaram em minha mente como borboletas delicadas e efêmeras. Cada lembrança se encaixava como pedaços de um quebra-cabeça temporal.

De repente, me vi sem a mangueira e tão distante dela! Ah, que saudade daquela sombra acolhedora! Décadas se passaram.

Ela não existe mais. Eu me perguntei: o que faço com esse ontem que me abraça? Essa história terna ainda está presente e viva na memória. Assim, teci palavras como fios de memória, dei forma a uma crônica que resgatou experiências do ontem. E na leitura do passado encontrei a essência da minha própria trajetória. No eco do tempo, mergulhei nas lembranças. Elas dançaram como folhas ao vento. Como as folhas da querida mangueira no fundo da casa onde vivi na infância numa casa amarela. Essa mesma mangueira que a mãe plantou. Contemplei a menina que fui, com olhar curioso que aprendi a ler. Aprendi a ler criticamente o mundo e as geografias diversas, dos saberes, das diferenças, das lutas dos povos originários, dos massacres, das crianças sem letras nem brincadeiras, sem o ontem, o hoje e o amanhã.

Pois bem, debaixo da mangueira vivi experiências fascinantes. Debaixo da mangueira Paulo Freire desvelou a importância e a singularidade de sua abordagem pedagógica. Por meio de suas experiências e reflexões, Freire mostrou que a educação não pode ser desvinculada da realidade social e das vivências individuais.

- O que eu faço com o ontem?

A resignificação que, com simplicidade, ousou apresentar, ocorre na perspectiva das lutas emancipatórias.

Em outras palavras: a minha vida, mesmo que implicada num mundo doente, existe para lutar pela liberdade; pelo amor; pela solidariedade; pela saúde; pela poesia; pela amizade; pelo respeito; pela dignidade. Pelo amor.

O tempo, é necessário repetir, é um elemento fundamental na experiência humana e possui diversas abordagens teóricas.

Logo, o tempo é compreendido como um processo dialético que envolve a relação entre passado, presente e futuro.

Cabe, portanto, investigar o papel do ontem na construção do conhecimento e da emancipação humana, sob a abordagem crítica e pedagógica e verificar o modo de resignificar o ontem na busca constante do conhecimento.

A singularidade da minha infância; a pacatez da vida de meus pais.

E a humildade da mangueira que, com sombras úmidas e amorosas, embalou tantos sonhos e esperanças, não pode se dissipar do que sou – e pretendo ser.

Ontem sou eu mesma. Ontem será eu amanhã – e sempre.

■ ■ ■